

O LUGAR DAS POPULAÇÕES INDÍGENAS NAS ABORDAGENS DIDÁTICAS: CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

Autor: Israel dos Santos Silva

Aluno do curso de História pela Universidade Estadual da Paraíba

israelsantos.iss@gmail.com

Coautor (a): Lucicleide Ferreira Pessoa

Aluna do curso de História pela Universidade Estadual da Paraíba

lucicleide.grad@gmail.com

Coautor (a): Severina Gomes

Professora na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Emiliano de Cristo

semog.babi@hotmail.com

Coautor (a): Maria de Fátima Amâncio dos Santos

Professora na Escola Cidadã Integral José Soares de Carvalho

proffatimaamancio@gmail.com

Orientador (a): João Gonçalves Batista Bueno

Professor de Estágio na Universidade Estadual da Paraíba

Joao.bueno6161@gmail.com

RESUMO

Este trabalho foi elaborado por alunos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa e Iniciação à Docência (PIBID) e professores da rede estadual de ensino que atuam nas Escolas de Ensino Fundamental e Médio da cidade de Guarabira com a ajuda de um professor de Estágio e pesquisador da Universidade Estadual da Paraíba especificamente do Campus III – Guarabira, que traz percepções e justificativas a partir de discussões e questões pertinentes ao ensino de História com relação as abordagens sobre os povos indígenas emitidas nos livros didáticos do ensino básico. Sabemos que os conteúdos postos nos livros são elaborados de forma resumida deixando lacunas e silêncios para a formação dos alunos e o trabalho do professor, esse último, em muitos casos não consegue desenvolver uma abordagem mais aprofundada das problemáticas relacionadas aos povos indígenas e nesse sentido as discussões a respeito desse assunto são realizadas de forma superficial e deficiente. Em torno dessas questões nos preocupamos em analisar alguns livros didáticos e selecionamos as partes que tratam dos povos indígenas e realizamos uma comparação com livros paradidáticos para mostrar o quanto os livros escolares se apresentam de forma resumida, e a partir disso traçar planos para que o público docente atuante em sala de aula e aqueles que ainda estão em formação saibam trabalhar assuntos referentes aos povos nativos mesmo com um material defasado e com poucas informações. Propomos que o docente perceba essas questões e se adéque para que a relação ensino-aprendizagem seja realizada da melhor forma em sala de aula.

Palavras Chaves: Indígenas, Livro Didático, Docente

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa fez parte do projeto de Iniciação à docência (PIBID)¹ e foi financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)².

Os livros didáticos de História são instrumentos utilizados no espaço escolar com objetivo de auxiliar os docentes no trabalho em sala de aula. Eles abordam conteúdos que fazem parte do currículo oficial e que é estabelecido pelo Estado. Em uma análise minuciosa desses materiais, observamos em nossa experiência em sala de aula que os textos escritos dos capítulos são elaborados de forma resumida e trabalhando alguns fatos ocorridos ao longo da história humana. Assuntos relativos aos povos indígenas e as populações negras são tratados de forma superficial nas abordagens didáticas, e dessa forma, silêncios e lacunas surgem numa dualidade que ao mesmo tempo pode ajudar e prejudicar o desenvolvimento do ensino e do aprendizado dos alunos, dependendo da percepção do docente.

Inseridos nesse contexto colocamos nossas análises em campo para discutir o ensino da trajetória das populações indígenas, fazendo comparações com alguns materiais didáticos disponíveis nas escolas e livros paradidáticos³ utilizados nas universidades dimensionamos a quantidade e ausência de informações e como estas são elaboradas e a forma que podem ser trabalhadas em sala de aula.

Para essas questões o professor deve atentar para trabalhar com livros mais antigos, pois, a partir das lacunas e silêncios o docente pode apresentar discussões que não são tratadas nos materiais didáticos novos e nesse sentido propor uma melhor abordagem e explanação dos conteúdos sobre os povos que citamos acima. O professor deve estimular seus alunos a questionarem seus próprios materiais didáticos, indagando o que os livros abordam? Qual é a visão do autor (a)? E o que ele está propondo em sua elaboração?

¹ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

² Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

³ Livros que geralmente são comercializados por editoras e são utilizados nas Universidades por serem elaborados de forma mais completa.

É de extrema importância o docente observar a existência da lei 11.645/2008 que emite o ensino das culturas indígenas e africanas nas escolas, por meio dela o docente pode realizar um trabalho norteador em torno desses povos, e a partir daí desconstruir e construir conceitos, expandindo o conteúdo também para fora da sala de aula com a promoção de palestras, seminários e eventos que levem conhecimento para a comunidade escolar e a população em geral, contribuindo com a identidade coletiva formada pelos povos nativos e os africanos, esses últimos trazidos para o trabalho escravo nas lavouras do Brasil colonial. O docente não deve descartar o material didático, mas aprimorá-lo para as necessidades do ensino, deve acrescentar principalmente assuntos pertinentes as questões locais, pois esses são os assuntos que não são apresentados nos livros.

METODOLOGIA, RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo do desenvolvimento dos trabalhos realizados em sala de aula entre o PIBID e os professores da rede estadual de ensino do Estado da Paraíba traçamos metodologias que nos permitissem explicar conteúdos que são apresentados de forma resumida nos materiais didáticos, elaboramos meios para permitir que a classe discente aprenda os conteúdos de forma mais proveitosa tomando como base nossas pesquisas acadêmicas e relatos sobre os povos indígenas, dessa forma, respaldados pela lei de Nº 11.645/2008. A partir desse contexto iremos relatar e apontar questões pertinentes ao ensino de História no Ensino Básico tomando como norte nossas pesquisas e entendimentos acerca do assunto aqui tratado.

O ensino de cultura indígena e sua contribuição na formação da identidade nacional brasileira são temas importantes para serem estudados nas escolas de educação básica pois criam discussões que podem preencher lacunas conceituais relativas a construção de diferentes identidades de grupo. Os livros didáticos são utilizados como instrumentos de transmissão e auxílio do professor no ensino-aprendizagem do aluno em sala de aula.

A questão étnica e cultural deve ser trabalhada de forma homogênea visando às premissas e singularidades de cada povo e seus valores culturais. Determinado sob as bases da Lei 11.645/2008⁴, o ensino de cultura africana, afro-brasileira e indígena nas

⁴ A Lei 11.645 garante o ensino da cultura africana e indígena nas Instituições de Ensino no Brasil.

escolas passou a ser obrigatório. Para o cumprimento desta legislação os currículos escolares passaram a apresentar conteúdos da cultura afro-indígena. Estabelecidos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's), a educação das relações étnico-raciais fortalece os princípios para a conscientização social e política da diversidade. Além disso, favorece o reconhecimento da identidade e do direito do multiculturalismo, bem como, as ações educativas que reprimem e combatem as discriminações socioculturais. O desdobramento de tais princípios resulta em ações e posturas que devem ser adotadas pela instituição de ensino e pelo docente como ser formador de cidadãos pensantes e percussores da cultura nacional.

Segundo Forquin, a reflexão sobre educação e cultura tem mostrado que o empreendimento educativo tem como responsabilidade transmitir e perpetuar a experiência humana considerada como cultura. Nesse sentido, pode-se dizer que 'a cultura é o conteúdo substancial da educação, sua fonte e justificativa única. (...) Mas, reciprocamente, dir-se-á (...) que a educação 'realiza a cultura''. (MOREIRA, p.35-36)

Baseados nos novos parâmetros curriculares os livros didáticos trazem em suas novas edições histórias regionais e nacionais dos povos originários, porém continuam sendo taxados e transcritos de formas superficiais, sendo analisados pela visão elitista e eurocêntrica. A participação dos indígenas na construção do nosso país através dos livros didáticos é narrada sobre a perspectiva da elite dominante abordando na maioria das vezes apenas a colonização/dominação portuguesa, que salvaria e traria a civilização para os nativos, sem mostrar o outro lado, o lado das lutas e resistências ameríndias. Trazendo para a sala de aula discursos vagos, alienação e naturalização que as nossas raízes culturais são submissas devendo ser substituída pela cultura hegemônica do ocidente branco, masculino e europeu construindo representações superficiais sobre os diversos povos que constituem a miscigenação racial da sociedade brasileira.⁵

Como consta no livro *Ensino de História: fundamentos e métodos*, de Circe Bittencourt, "Entre os problemas para a seleção de conteúdos existe a dúvida sobre privilegiar uma história nacional ou uma história geral ou mundial. (...) na atualidade, a história brasileira tem sido novamente posta em posição secundária" (BITTENCOURT,

⁵ Tratamos de pontos que não são apresentados em muitos materiais didáticos, da real representação da figura indígena, o índio é o nativo das terras que foram chamadas de América posteriormente, por essa justificativa, merece reconhecimento como sujeito atuante no processo de formação étnica e da identidade do povo americano e brasileiro.

2008, p. 155). Os livros didáticos em sua maioria selecionam conteúdos restritos a uma pequena experiência coletiva humana, deixando de lado e marginalizando os diversos povos no processo de escolarização.

O que difere os livros paradidáticos⁶ dos livros didáticos é exatamente a maneira como relatam a importância da história indígena na formação da identidade brasileira, o fortalecimento das lutas e resistências contando as histórias de povos que foram e ainda são marginalizados e esquecidos pela sociedade. Trazendo uma nova visão sobre os povos originários, suas lutas e seus heróis que não são mencionados nos livros didáticos apresentando informações a partir da perspectiva dos vencidos.

As lutas indígenas revelam verdadeiros genocídios físicos e culturais de povos que sofreram pela repressão do poder dominante. Os livros paradidáticos evitam falar sobre a repressão cultural indígena, mostrando que são povos que possuem cultura e tradições que devem ser valorizadas e respeitadas, e que fazem parte da construção da nossa identidade nacional. Os livros didáticos e paradidáticos devem manter uma estreita relação para que juntos formem uma ponte para tornar acessível e transmissível os conhecimentos que abrangem toda a formação da construção brasileira, conscientizando alunos e professores da vasta miscigenação do Brasil, usando o espaço escolar como fonte e meio para fortalecer, reconhecer e dar voz as minorias que antes se constituía como a maior parte da população brasileira.

As escolas como meios de transmissão de conhecimento sob as perspectivas do professor mediador do ensino-aprendizagem tende a relacionar conteúdos didáticos com experiências do cotidiano para a construção e formação de cidadãos pensantes e críticos dentro da sociedade, contribuindo com a contextualização e difusão das diversas culturas existentes no Brasil na edificação da identidade nacional. Segundo MOREIRA (2008, p. 37), “a educação multicultural pode se colocar como um programa diferenciado, no qual os diversos setores culturais de uma sociedade encontrem ambientes educativos apropriados a cada um”. As discussões em sala sobre o ensino da cultura indígena nas escolas ampliam e enfatizam a origem de nossas tradições, reconhecendo que somos pertencentes da cultura indígena e que em nosso cotidiano vivenciamos vestígios dessa cultura que está fortemente enraizada em nossa sociedade, uma mistura intrínseca de povos, tradições e valores culturais que compõem a

⁶ Livros que por possuírem uma abordagem mais completa sobre os diversos conteúdos para formação humana são utilizados nas academias.

identidade nacional. Memórias que devem ser evocadas e recuperadas para o reconhecimento de nossa identidade, valorizando e respeitando as diferenças.

O ensino de História deve ser pautado numa perspectiva de construção da memória coletiva, se olharmos a história local, ou seja, da Paraíba, não encontramos informações nos livros didáticos acerca dos povos nativos que já habitavam as terras paraibanas, da mesma forma como o restante do território brasileiro. Os livros deveriam conter mesmo que o mínimo da história local de cada região e de cada Estado, pois, os assuntos pertinentes a cada localidade tem significados importantes para a memória das pessoas, é necessário mostrar que cada local desse país que chamamos de Brasil tem sua história pautada nas comunidades nativas e que essa história foi mudada com a chegada dos povos europeus que se colocaram como os que levariam o modelo de civilização para todo o mundo, o nativo⁷ desde então, foi tratado como estranho, retirado forçadamente das suas terras e sofrendo consequências desastrosas em relação a exploração europeia.

Isso aconteceu por culpa da própria historiografia oficial, que foi contando a história sob uma ótica eurocêntrica. Ou seja, a história foi sendo contada tendo como referência o modo europeu de ver o mundo, e naquela época do famoso “descobrimento” do Brasil, a Europa passava por profundas mudanças sociais, políticas, econômicas e religiosas. (MUNDURUKU, 2012. p.23)

Como apresentamos acima o campo eurocêntrico ainda é muito presente nos materiais de ensino, a visão europeia se propagou de uma forma que apagou a memória das pessoas com relação as suas origens, nas escolas e fora delas as pessoas não sabem explicar sua descendência. Muitos não sabem que as terras, as quais, residimos atualmente foram habitadas por nativos e escravos negros em tempos anteriores, e isso afeta literalmente a história local e nacional já que os nossos ancestrais são apagados dos relatos historiográficos.

Depois da conquista da Paraíba, que culminou, em 1599, com um “tratado de paz”, os portugueses decidiram ocupar a região Norte, iniciando pelo Ceará e Maranhão, que começavam a ser controlados pelos franceses. (PREZIA, 1944. p. 70)

⁷ Usamos o termo nativo, pois, o termo índio é uma denominação europeia que foi criada quando os povos europeus do século XV e XVI chegaram as terras europeias acreditando que estavam nas Índias, daí o termo índio relacionado às Índias.

A colonização da Paraíba foi um processo duro e violento para a população nativa que se estendeu de forma intensiva do século XVII ao XIX, muitas tribos nativas foram dizimadas ao longo dos anos, começando pelo litoral e se alastrando para o interior. Mas a colonização não ceifou apenas vidas, (forma brutal de conquista de território) mas apagou a memória indígena – nativa do nosso Estado. Assim, as pessoas atualmente não se afirmam como descendentes de nativos ou negros, na verdade desconhecem suas raízes, simplesmente não fazem ideia de quem descendem, e isso é perceptível nos espaços educacionais.⁸

As problemáticas que giram em torno dessas questões aqui discutidas vão muito além do apagamento da memória e do ensino defasado nas escolas de ensino básico, quando esses pontos não são tratados de forma séria no processo educacional, os resultados fora da escola são catastróficos.

A discriminação e o racismo para com os povos indígenas e negros originam-se da falta de discussões mais conjuntas nos espaços escolares. Mesmo com a omissão postas nos livros didáticos, o docente deve elaborar meios para um ensino mais completo acerca daquilo que não é apresentado, é dever do educador sempre questionar as fontes, analisar o que o material apresenta, qual a editora, quem escreveu a fonte, quem organizou, em que temporalidade, e assim promover a partir das suas próprias experiências as abordagens que possibilitem um maior entendimento do público em formação, é necessário pôr criticidade dos temas discutidos sempre com uma visão questionadora e com um pano de fundo sempre transcendendo uma nova montagem das perspectivas históricas. Não podemos apenas olhar determinada abordagem a partir de um ponto de vista, pois podemos enxergar por outras percepções críticas que trazem outros pontos de vista para o trabalho em sala de aula questionando os conteúdos postos para o docente e os alunos, como também propondo meios para quebrar o paradigma eurocêntrico.

⁸ O ponto que citamos a colonização na Paraíba se remete a um projeto trabalhado pelo PIBID Nas escolas de Ensino Básico da cidade de Guarabira. No projeto intitulado “A Paraíba sob um olhar indígena” trabalhamos o duro processo da colonização no território paraibano, enfatizamos questões como a expulsão dos nativos de suas terras e dizimação de muitos dos seus entes. O projeto foi realizado em duas etapas: aulas teóricas e dinâmicas na sala de aula e uma viagem até a Baía da Traição para conhecermos de perto juntamente com os discentes, as últimas comunidades potiguaras na Paraíba

CONCLUSÕES

Os povos indígenas são sempre postos de lado nas abordagens históricas, deixando em silêncio uma dimensão de informações e contribuições para o ensino de História no Brasil e no mundo. Da mesma forma os negros são retirados do processo histórico, e ainda foram vistos como pessoas sem nenhuma credibilidade para formação das civilizações e construção do mundo moderno.

Analisando as construções históricas, o eurocentrismo é colocado como uma forma de legitimar a história dos “mais poderosos” em relação aos outros povos. Se olharmos por um ângulo, mesmo com toda imposição do eurocentrismo, o legado dos povos indígenas assim como o dos povos africanos é inegável. Estes povos contribuíram para o desenvolvimento da humanidade, e isso fica evidente quando estudamos os conteúdos relacionados. Vemos assim que esses sujeitos são importantes para o processo histórico e mesmo com todas as formas de apagamento da memória, as histórias desses povos permaneceram até os dias atuais e são símbolo de resistências e militância.

No Brasil e na Paraíba os povos indígenas são os nativos das terras, possuíam sua organização social e religiosa, cultivavam a terra produzindo o que era necessário para a subsistência, formavam suas comunidades e suas divisões políticas. No momento da colonização inicia-se o processo de repressão e exploração contra os nativos por meio de um processo violento de expropriação de seus meios naturais e das estruturas sociais e os pondo como escravos. Os brancos procuraram se beneficiarem e se assumiram como povos civilizados em relação aos povos indígenas que a partir daí se transformaram em seres primitivos. E como se isso não fosse suficiente, os negros foram escravizados da mesma forma sofreram dentro desse mesmo processo de apagamento de sua memória coletiva.

Nos tempos atuais ainda persiste fortemente o discurso eurocêntrico nos livros, na internet e em outros meios de informação, a memória é posta numa espécie de centro onde as pessoas não se reconhecem como descendentes de nativos ou negros ocasionando o apagamento e distanciamento desses sujeitos. Nesse sentido levantamos esse estudo com o objetivo de pôr em discussões tais questões para levar a público uma apresentação e reflexão dos problemas que surgem nas escolas, em casa e em outros espaços sociais que é a falta de informações sobre os sujeitos nativos. É necessário quebrar com tal paradigma que permanece forte na nossa sociedade prejudicando o espaço que é dos povos nativos.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Conteúdos históricos: como selecionar? In: __. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 135-173.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. Globalização, multiculturalismo e currículo. In __. **Currículo: Questões atuais**. 14ª. ed. Campinas-SP: Papirus, 2008, p. 29-38.

PREZIA, Benedito. **História da resistência indígena: 500 anos de luta**. 1ª. ed. São Paulo: Expressão popular, 2017.

MUNDUKURU, Daniel. O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990) / Daniel Mundukuru. - São Paulo : Paulinas, 2012. - (Coleção educação em foco. Série educação, história e cultura)